

A UNIDADE DE PESQUISA DA CULTURA CIBERNÉTICA (ou CCRU) E A RAZÃO ESPECULATIVA WHITEHEADIANA

Dameres Bastos Pinheiro

RESUMO

Alfred North Whitehead provocou uma virada epistemológica na filosofia ao apresentar a 'razão especulativa' como um modelo epistemológico e tão importante quanto a 'razão prática'. A razão especulativa é definida por ele como um processo de abstração e novidade imaginativa, capaz de desenvolver a 'experiência mental' na investigação, cuja função é a 'de promover a *arte de viver*' e com insaciável sede pelo saber. A partir dessa noção é possível lançar um novo olhar sobre a atividade desenvolvida pela Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética (conhecida como CCRU, *Cybernetic Culture Research Unit*), na década de 90, dada sua importância para a virada especulativa, pioneirismo na lida com a *cultura cibernética* emergente e análises polêmicas dos impactos das revoluções tecnológicas no cotidiano e acerca do capitalismo, e concluir que sua produção filosófica é atravessada pela 'razão especulativa' whiteheadiana, todavia mantendo um princípio anárquico, único aspecto que se difere da noção whiteheadiana de retorno ao concreto e à razão prática após a incursão na abstração. E mesmo com o fim das atividades da CCRU no início dos anos 2000, é possível ver a presença de Whitehead mais direta no trabalho recente de Luciana Parisi, que integrou a unidade de pesquisa, tornando possível propor aqui 'uma aventura de ideias' através de seu texto "*Automated Architecture, Speculative Reason in the Age of the Algorithm*" (2014), que permite uma análise técnica e social através da 'razão especulativa' whiteheadiana sobre a evolução algorítmica, adicionando à sua análise o texto de sua colega, Tiziana Terranova, chamado "*Red Stack Attack! Algorithms, Capital and the Automation of the Common*" (2014), que permite interseccionar a evolução algorítmica e sua função na produção capitalista, concluir que a razão algorítmica é como uma 'segunda natureza' e pensar meios de desacoplar a tecnologia e o indivíduo do Capital.

Palavras-chave: Whitehead, CCRU, função especulativa, Razão, filosofia, ciência.

ABSTRACT

Alfred North Whitehead brought about an epistemological turn in philosophy by presenting 'speculative reason' as an epistemological model and as important as 'practical reason'. Speculative reason is defined by him as a process of abstraction and imaginative novelty, capable of developing the 'mental experience' in research, whose function is 'to promote the art of living' and with an insatiable thirst for knowledge. Based on this notion, it is possible to take a new look at the activity developed by the Cybernetic Culture Research Unit (known as CCRU, *Cybernetic Culture Research Unit*), in the 90s, due to its importance for the speculative turn, pioneering in dealing with the emerging *cyberculture* and controversial analyzes of the impacts of technological revolutions on daily life and on capitalism, and conclude that its philosophical production is crossed by Whitehead's 'speculative reason', however maintaining an anarchic principle, the only aspect that differs from Whitehead's notion of return to concrete and practical reason after the incursion into abstraction. And even with the end of CCRU's activities in the early 2000s, it is possible to see the presence of Whitehead more directly in the work of Luciana Parisi,

who was part of the research unit during her existence, making it possible propose 'an adventure of ideas' through her text "*Automated Architecture, Speculative Reason in the Age of the Algorithm*" (2014) which allows a technical and social analysis through Whitehead's 'speculative reason' on algorithmic evolution, adding to its analysis the text of her colleague, Tiziana Terranova, called "*Red Stack Attack! Algorithms, Capital and the Automation of the Common*" (2014) which allows the intersection of algorithmic evolution and its function in capitalist production.

Key-words: Whitehead, CCRU, speculative function, Reason, philosophy, science

A UNIDADE DE PESQUISA DA CULTURA CIBERNÉTICA (ou CCRU) E A RAZÃO ESPECULATIVA WHITEHEADIANA

1. Alfred North Whitehead acaba por colaborar com a virada epistemológica ao reavaliar a ciência em sua investigação sobre a essência da razão no livro "*The Function of Reason*" (1929a). Isso porque, ao lado da 'razão prática', mais utilizada no processo investigativo pelas ciências e definida por ele como um método que guia a prática na busca de um propósito, ele apresenta a 'razão especulativa' como método epistemológico e de igual importância, definindo-a como um processo de abstração e novidade imaginativa capaz de ampliar e desenvolver a 'experiência mental' na investigação, que "busca o completo entendimento" e cuja função é a de 'promover a *arte de viver*'.

Para Whitehead, "a promoção da arte da vida" como função da razão especulativa permite compreender que há mais do que simplesmente explicar como é a vida. Seu objetivo, todavia, não é de propor uma investigação de cunho ético, ainda que seja perceptível o aspecto filosófico estético quando desdobra sua concepção de viver em três impulsos/desejos - viver, viver bem, e viver melhor -, como ele diz "de fato a arte da vida é, *primeiramente*, estar vivo, *segundo*, viver de um jeito satisfatório e, *terceiro*, alcançar uma intensificação dessa satisfação." (1929a, p. 8).

Com isso, ele está se opondo à ideia corrente nas ciências de que a "sobrevivência do mais apto" é a única possibilidade de viver, sem desacreditar que "na luta pela existência, os mais aptos a sobreviver eliminam os menos aptos." (1929a, p. 4). Whitehead está evidenciando que no processo investigativo a "função prática" pode ser limitativa ou determinista, ainda que bem fundamentada, e que pode, inclusive, incorrer em falácias, como explica acerca da falácia da 'sobrevivência do mais forte': "A falácia é a crença de que a aptidão para a sobrevivência é idêntica à melhor

exemplificação da Arte da Vida.” (1929a, p. 4). Uma maneira que explica bem essa percepção pode ser vista abaixo (grifo):

“O fato de espécies orgânicas terem sido produzidas a partir de distribuições inorgânicas de matéria e o fato de que, no decorrer do tempo, espécies orgânicas de tipos cada vez mais altos evoluíram não são, no mínimo, explicadas por qualquer doutrina de adaptação ao meio ambiente ou de luta. De fato, a tendência ascendente foi acompanhada por um crescimento da relação inversa. *Os animais assumiram progressivamente a tarefa de adaptar o ambiente a si mesmos.* Eles construíram ninhos e moradias sociais de grande complexidade; castores cortaram árvores e represaram rios; os insetos elaboraram uma alta vida comunitária com várias reações ao meio ambiente.” (1929a, p. 7)

E objetivando mostrar que tais modelos racionais não são descobertas recentes, mas já estavam presentes na história do pensamento filosófico, Whitehead traça um paralelo simbólico entre as duas razões, prática e especulativa, a partir da analogia da *viagem* e extraída de duas personagens conhecidas, Platão e Ulisses. Assim, a ‘razão prática’ é apresentada como a viagem de Ulisses (*Ilíada*, de Homero), caracterizando o propósito e o pragmatismo metodológico como a “busca de um método de ação imediato”, enquanto que a ‘razão especulativa’ é encontrada em Platão através de uma viagem de incursão filosófica à abstração, que se guia pela curiosidade e caracteriza-se por uma razão que serve-se a si mesma. Logo, ainda que diferentes, ambas são como as faces de uma mesma moeda, nos termos de Whitehead: “Temos que lembrar os dois aspectos da Razão, a Razão de Platão e a Razão de Ulisses, a Razão que busca um entendimento completo e a Razão que busca um método de ação imediato.” (1929a, p. 11).

Whitehead explica sua motivação em utilizar um personagem histórico e um não histórico em sua exemplificação simbólica, uma vez que visava pôr em evidência o caráter simbólico pretendido, logo, a distinção entre o real ou o ficcional no relato não vinham ao caso. Tal percepção sobre o real e o ficcional lembram o mesmo posicionamento acerca da questão em torno do *falso* e do *verdadeiro* desenvolvida em outro livro de sua autoria, “*Process and Reality*” (1929b), e revelando um ceticismo sobre o método pragmático, como se pode extrair da seguinte citação:

A distinção entre frases verbais e proposições completas é uma das razões pelas quais a alternativa rígida dos lógicos, ‘verdadeira ou falsa’, é tão irrelevante para a busca do conhecimento. A confiança excessiva nas frases linguísticas tem sido a razão bem conhecida que aflige muito a filosofia e a física entre os gregos e entre os pensadores medievais que continuaram as tradições gregas. (1929b, 11-12)

De maneira mais aprofundada, a Razão Prática, ou de Ulysses, é conceituada como uma 'razão de curto alcance', "é a razão que critica e enfatiza os propósitos subordinados na natureza que são os agentes da causa final. Esta é a razão como um agente pragmático." (1929a, p.28) e repetitivo. Embora exista uma tendência que escapa a essa regra excepcionalmente, a tendência ascendente, pois, ainda que se encontre uma resposta possível no "elo vital" ou na recaída da matéria de Bergson, há um mistério não solucionado, que Whitehead percebe estar na dualidade entre corpo e mente, e à partir de uma perspectiva cosmológica afasta-se da substância cartesiana na tentativa de solucionar esse mistério.

Fundamentando-se, então, no aspecto da experiência, Whitehead passa a compreender a experiência corporal enquanto a própria experiência física e como um gozo prático correlacionado ao que está dado em cada ocasião, e onde uma ocasião é experienciada de maneira dipolar, já que há uma integração entre a experiência mental e a física, apesar de a mental ser diferenciada, por estar ligada a formas e a uma desconexão com o físico no sentido de uma abstração que permite avaliar a experiência. É por isso que para Whitehead a consciência não é imprescindível na experiência mental, porém, é o que vai definir entre uma experiência mental de baixo nível, ou de desejo cego (por uma forma de realização, que seriam as formas/ideias platônicas e os universais medievais), e a experiência mental de alto nível, que insere novidades no apetite.

É interessante ressaltar que o desejo é um apetite, para Whitehead. Assim, na experiência de alto nível, Whitehead explica a existência de um elemento anárquico ao lado de uma auto-regulação, permitindo uma canalização desembocada pelos próprios julgamentos e que agirá de maneira a intensificar o apetite, é neste ponto que a Razão aparece, a "Razão Especulativa", pois é ela que agirá sobre o elemento anárquico em suas formas de ação (ou sua força) que são a revolta, a utilidade e a regulação, como ele afirma "A razão civiliza a força bruta do apetite anárquico." (1929a, p. 33). É esta razão que permite a novidade, que escapa à regra e permite a ascendência, também é, no entender do próprio autor, a contra-agência que salva o mundo.

A Razão Especulativa para Whitehead é, portanto, a razão que não está preocupada com o propósito prático de manutenção da vida, apesar de pressupô-la, mas com a compreensão do mundo de maneira curiosa e desinteressada, apesar de não se satisfazer com a compreensão, já que o progresso insere-a em um processo de busca que sempre está a se renovar, sempre em busca de uma vida boa e uma vida melhor.

Trata-se do aspecto filosófico estético imbricado a um conteúdo cibernético, pois a "tendência ascendente" e a "contra-agência" estão ligadas à questão de um desejo de organização mais elevado, apesar da decadência e fadiga que restringe essa tendência, semelhante aos fluxos de retroalimentação negativos de homeostase e positivos de fuga em um sistema cibernético.

Por isso que tal razão não está limitada ao método - "Sua função é penetrar nas razões gerais, além de razões limitadas, entender todos os métodos como coordenados na natureza das coisas, apenas para serem apreendidos pela transcendência de todos os métodos" (1929a, p. 65) -, apesar de requerer disciplina. E esta disciplina é o retorno ao concreto após ter ascendido ao plano abstrato, logo, tal razão possui uma capacidade de, ao criar esquemas e sistemas, transcendê-los; e, igualmente, poder se submeter à Razão Prática, ou ampliar/reformular o que está posto. Nas palavras de Whitehead que melhor explicam essa viagem da razão especulativa, cita-se:

A Razão especulativa funciona de duas maneiras, para se submeter à autoridade dos fatos, sem perda de sua missão de transcender a análise existente dos fatos. De certa forma, aceita as limitações de um tópico especial, como uma ciência ou uma metodologia prática. Em seguida, procura especulativamente ampliar e reformular as ideias categóricas dentro dos limites desse tópico. Esta é a Razão especulativa em sua aliança mais próxima com a Razão metodológica. (1929a, p. 85)

Em outras palavras, a razão especulativa sempre estará em busca de construir uma cosmologia, porém, ambas as Razões podem agir conjunta ou particularmente em prol da função da Razão, que é a arte da vida, são como as faces da mesma moeda, como ele diz:

A Razão especulativa produz esse acúmulo de entendimento teórico que, em momentos críticos, permite uma transição para novas metodologias. Também as descobertas do entendimento prático fornecem a matéria-prima necessária para o sucesso da Razão especulativa. (1929a, p. 39)

É possível caracterizar, portanto, a 'razão especulativa' whiteheadiana como um processo de incursão filosófica à abstração, de indistinção entre o real ou o ficcional, guiada pela curiosidade e novidade imaginativa, fundamentada na experiência e no desenvolvimento da experiência mental com uma razão que serve-se a si mesma, bem como uma busca insaciável pelo conhecimento, almejando uma completude cosmológica, com uma tendência anárquica, mas disciplinada pelo retorno da abstração ao concreto, e cuja função é a de promover a 'arte de viver', caracterização que permitirá uma breve digressão investigativa sobre a CCRU e perceber que sua filosofia é movida pela 'razão especulativa', mas afastando-se aqui de uma tentativa de descrever ou interpretar a produção filosófica não ortodoxa da CCRU.

2. A Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética (Cybernetic Culture Research Unit)¹, mais conhecida como CCRU, foi fundada em 1995, próximo ao Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick/Reino Unido, por Sadie Plant² e Nick Land³, com a participação de estudantes pesquisadores e associados independentes, como Manuel DeLanda, sendo pioneira no estudo da *cybercultura*. Trata-se de um coletivo experimental interdisciplinar, que cruzava a cibernética, a ficção-científica, ciência tecnológica, a *rave culture*, o cinema, a música, o ocultismo, a linguagem metacomputacional, o (cyber)feminismo, o marxismo, a filosofia francesa 'sessenta-e-oitista' (principalmente os autores Gilles Deleuze e Felix Guattari, Jean Baudrillard e Jean-François Lyotard), o pós-estruturalismo, e outros temas, tendo maior interesse filosófico em questões envolvendo o conhecimento, a experiência, a inteligência artificial e o tempo. Dela emergiu uma corrente de pensamento filosófica intitulada *aceleracionista*⁴, que não será a tópica desse texto, mas é o que atraiu o interesse por compreender tal unidade de pesquisa em sua produção filosófica.

Inicialmente a coordenação era realizada por Plant, período que havia um recorte mais feminista e tecnológico, até sua resignação em 1997, quando Land assumiu, durando até o início da década de 2000, um período marcado por uma abordagem ainda mais experimental – com um conteúdo inclinado para práticas mais obscuras, enigmáticas e ocultistas que podem ser vistas na coletânea "*CCRU Writings 1997-2003*" (2015). Apesar das coordenações mostrarem diferenças, ainda assim a colaboração entre Plant e Land sempre foi profícua, e a CCRU presava não apenas pela produção textual filosófica, com periódicos próprios, a *Collapse* (de 1995 à 1996) e *Abstract Culture*, presava sobretudo por práticas experimentais e colaborativas em outras áreas (2015, p. 6), como as conferências "*Virtual Futures*" (nas primaveras de 1994, 1995, 1996), o evento "*Afro-Futures*" (que aconteceu em fevereiro de 1996), as "*Ko:Labs breakbeat experimentation zone*", o evento "*Virotechnics*" (de

¹ Arquivo virtual público da CCRU: <http://web.archive.org/web/20130904144051/http://www.ccru.net/>

² Sadie Plant é formada pela Universidade de Manchester em 1985, com PhD em Filosofia em 1989, foi professora de Estudos Culturais na Universidade de Birmingham, além de textos e artigos publicou os livros "*The Most Radical Gesture*" (1992), "*Situationist International in a Postmodern Age*" (1992), e "*Zeros plus Ones, Digital Women and the New Technoculture*" (1997), produção que mantém após resignação do cargo e até a atualidade. Acessado em 28.09.2019: <http://www.sadieplant.com/>

³ Nick Land foi professor e pesquisador de Filosofia Continental na Universidade de Warwick desde 1987 à 1998, publicou "*The Thirst for Anihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*" (1992), e vários textos durante seu período na universidade, também resignou do cargo e permanece produzindo particularmente. Acessado em 28.09.2019: <https://oldnicksite.wordpress.com/> [e] <http://www.xenosystems.net/>

⁴ O *aceleracionismo* compreende o Capital enquanto um fluxo, com a desterritorialização (termo deleuzeguattariano) como aspecto mais característico e que torna o Capital o mais veloz dos fluxos, assim, a noção de revolucionar o capital é proposta pela via da aceleração da própria produção capitalista até o seu colapso, ou pela busca de um fluxo mais desterritorializante que possa arrancar a produção do Capital e com isso seu título de mais veloz dos fluxos, propostas que parecem antagonizar com as vias radicais conhecidas pela esquerda, de frear ou barrar (o fluxo) da produção capitalista.

outubro de 1997), e o evento "Syzygy" com a colaboração do grupo O[rphan] D[rift]⁵ (que rendeu a publicação de um livro intitulado "Cyberpositive", em 1995).

Whitehead não é citado de maneira direta nos textos da CCRU⁶, todavia, por meio do texto de Steven Shaviro "Deleuze's Encounter with Whitehead" (2007) é possível perceber a importância da filosofia whiteheadiana para Deleuze, o que vai ser um ponto chave para ver se espalhar e irromper na CCRU, uma vez que as obras "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia" e "O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia", ambas de Deleuze e Guattari, são de importância tamanha para a produção textual filosófica da CCRU⁷.

Aliás, a tendência anti-academicista da unidade pode ser vista como o primeiro aspecto dessa análise e em similaridade com a 'razão especulativa', vez que critica o que está posto, assim como Whitehead criticou a visão determinista sobre a arte de viver. Essa tendência da unidade é vista no texto "The Virtual Complexity of Culture" (1996) de Plant, que tanto traz uma definição de cultura e que se diferencia da abordagem de outros grupos no período - "a cultura emerge das interações complexas da mídia, padrões climáticos, ecossistemas, padrões de pensamento, cidades, discursos, modas, populações, cérebros, mercados, noites de dança e trocas bacterianas" (PLANT, 1996, p. 214) -, quanto explica a motivação da tendência anti-acadêmica por enxergar um velamento de pontos polêmicos nos estudos sociais sobre a parte teórica de seus pensadores fundamentais, e exemplifica com o caso do anti-humanismo de Foucault e sua crítica à academia:

Foi o anti-humanismo de Foucault que descobriu tanto a extensão dos procedimentos disciplinares da modernidade quanto as questões imanentes de sua realidade especular. (...) Os estudos culturais absorveram Foucault, mas não se interessaram por seus relatórios do lado sombrio de suas disciplinas, preferindo ver seu trabalho como uma variante de seu próprio discurso antropomórfico e permanecendo intocado pelas zonas desumanas e indisciplinadas que seus escritos atravessavam. (PLANT, 1996, pp. 212 e 213)

⁵ É possível ver a performance neste endereço eletrônico: <http://www.orphandrifarchive.com/becoming-cyberpositive/syzygy/syzygy-video/>

⁶ Talvez seja possível dizer que a razão especulativa whiteheadiana tenha se espalhado pela CCRU de maneira indireta, não apenas pela via deleuziana, também por meio da cibernética, em que a história da cibernética tem o perpasso da obra "The Science in the Modern World" (1925) de Whitehead, ou mesmo pelo autor principal Wiener (que foi aluno de Whitehead e de Bertrand Russel, apesar de mais próximo ao segundo), também por meio de leitores whiteheadianos, como Isabelle Stengers e Ilya Prigogine e de Shaviro, que fazem parte do aporte referencial de Plant, ou ainda por Donna Haraway (referência para a CCRU por seu "Manifesto Cyborg") que afirmou o contato com a filosofia whiteheadiana e o apreço pela leitura de Stengers da abstração enquanto "iscas", sendo possível pensar se a razão especulativa, ou a filosofia whiteheadiana, permeia o manifesto cyborg, sem retirar o caráter original da autora. Acessado em 29.09.2019: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635>

⁷ Como se pode observar: "Uma lista de influências importantes da CCRU incluiria os dois volumes Capitalismo e Esquizofrenia de Deleuze e Guattari, com seu "materialismo virtual", ataque ao privilégio de representação, anti-evolucionismo e hostilidade implacável ao Estado".

Esse anti-humanismo - que não advém apenas de Foucault, mas principalmente de "O Anti-Édipo"⁸ - é absorvido pela CCRU como uma noção de inumanidade, inclusive, é como a unidade encara sua identidade, a de um *cyborg*, como se verá mais adiante. E atrelada a essa tendência anti-acadêmica e inumanista está outra característica da produção filosófica da CCRU, que são seus métodos não convencionais, sobressaindo as características da 'razão especulativa' de incursão ao abstrato e ao âmbito experimental, como se vê no relato feito pelo jornalista Simon Reynolds sobre uma palestra da CCRU⁹:

A CCRU preparou uma reencenação de uma leitura-de-performance-degozo dada na conferência Virotechnics em outubro de 1997. O primeiro toca-fitas emite um ciclo repetido de palavras que se assemelha a um encantamento ou feitiço. Da segunda máquina, vem um texto recitado em um discurso sombrio por uma voz americana feminina - não uma apresentação, mas uma espécie de prosa-poema, cheio de imagens de "swarmachines" e "estroboscópico de centopeias agitadas". O terceiro *ghettoblaster* emite o que poderia ser a composição eletroacústica ao estilo de Stockhausen ou a música pizzicato, que clica na mandíbula, do mundo dos insetos. Mais tarde, descobri que é uma voz humana processada sinteticamente. Mesmo sem as imagens de vídeo retroprojetadas que geralmente acompanham o áudio da CCRU, a peça é um exemplo impressionantemente fascinante do que a unidade está buscando - uma amálgama ultravívida de texto, som e imagens projetadas para "libidinizar" o mais suculento dos eventos acadêmicos, a palestra.

Um terceiro aspecto gira em torno das duas principais ferramentas filosóficas, ou conceitos filosóficos principais (quase confundíveis), utilizadas conjuntamente na produção da unidade, são a "*theory-fiction*" ('teoria-ficção'), definida como uma materialização/efetivação da ficção¹⁰, e a "*hyperstition*" ('hiperstição'), definida como uma crença para além (e mais forte que) de uma superstição e guiada por um caráter cético. Um exemplo dessa utilização conjunta é o texto "*As origens do Clube Cthulhu*" (TIMESPIRAL, 2015, pp. 59-64), que envolvem H.P. Lovecraft e W. S. Burroughs, e se trata da trocas de cartas entre o Capitão Peter Vysparov e Dra. Echidna Stillwell sobre uma tribo da Sumatra, chamada Nma, praticantes de feitiçaria do tempo conhecida como Oddubb e da técnica *hyperstição* desenvolvida pelo clube e suas consequências, que de acordo com a unidade tais cartas foram entregues por um dos assistentes do capitão, o Sr. William Keye, e que a unidade decidiu expor à público¹¹. Ressalta-se que houve, inclusive, uma exibição em uma galeria de arte

⁸ A CCRU adota a noção de inumanidade principalmente da obra "O Anti-Édipo", que apresenta (no lugar do conceito de humanidade) o conceito de 'máquinas desejantes', e de que *tudo* são máquinas desejantes, como se vê da seguinte citação: "A CCRU endossa consistentemente a insistência de Deleuze e Guattari de que as máquinas não são reduzíveis à tecnologia. Nós consideramos a cibernética como a ciência prática de excitação (amplificação/inibição da comunicação, mutação e inovação." (TIMESPIRAL, 2015, p. 7)

⁹ Acessado em 20/04/2020: <http://reynoldsretro.blogspot.com/2014/04/renegade-academia-ccru.html>

¹⁰ Nos termos da unidade, a teoria-ficção são "ficções que produzem-se em realidades" (TIMESPIRAL, 2015, p. 25)

¹¹ Indica-se a seguinte leitura para aprofundamento sobre as duas ferramentas: SHELDON, Rebekah. *Dark Correlationism: Mysticism, Magic, and the New Realism*. University of Nebraska, Symploke, Volume 24, Numbers 1-2, 2016, pp. 137-153. [e] PARISI, Luciana; and GOODMAN, Steve. 2005. The Affect of Nanoterror. *Culture Machine*, 7. Acessado em 20/04/2020:

<http://svr91.edns1.com/~culturem/index.php/cm/article/view/29/36>

contemporânea em Milão/Itália no ano de 2013¹². Essas ferramentas colaboram com a constituição de uma cosmologia própria, chamada de 'neo-lemuriana', tratada como o contato virtual com entidades praticantes de feitiçaria vindas do Continente Lemuria e que lhes ensinou a usar a ferramenta hypersticiosa¹³, e expõem o caráter imaginativo/criativo, a curiosidade por outros conhecimentos (como o ocultismo), e uma filosofia cosmológica, aspectos presentes na definição de 'razão especulativa', e que se reforçam através da importância tanto da ficção quanto dos fatos na composição filosófica para a unidade e para a 'razão especulativa' que não faz uma diferenciação entre o que é falso e o que é verdadeiro, cita-se:

Não há diferença em princípio entre um universo, uma religião e um hoax. Todos envolvem uma engenharia de manifestação, ou ficção prática, que é indigna de crença. Nada é verdade, porque tudo está em produção. Porque o futuro é uma ficção, tem uma realidade mais intensa que o presente ou o passado (TIMESPIRAL, 2015, p. 9)

Essa forma de enxergar o tempo parte da noção da CCRU de uma *cibernética temporal*, que possibilita tanto viagens no tempo quanto loops temporais, ou até mesmo alterar a memória e reescrever a história, contribui na composição de um metafísica para a unidade, e revela o desenvolvimento da experiência mental com uma razão que serve-se a si mesma, outra característica da 'razão especulativa'. Isso porque, a ideia de *cibernética* é expandida nas análises sobre a contemporaneidade e fundamenta a principal linha teórica da qual a CCRU é conhecida, o *aceleracionismo*, como se pode extrair do texto escrito por Plant e Land chamado "*Cyberpositive*" (PLANT & LAND, 2014, pp. 303-313) - e que nas palavras de Reynolds "serve como uma espécie de cartilha definidora de cânones para o universo intelectual da CCRU, colocando os escritores de ficção científica e cyberpunk no mesmo nível dos teóricos pós-estruturalistas"¹⁴. Contudo, devido a impossibilidade de abordar o texto em si, destaca-se o conceito de *cyberpositividade* para melhor compreensão dessa noção de *cibernética* para a unidade e da razão servindo-se a si mesma, compondo uma análise filosófica do presente, bem como mostrando a única diferença entre a unidade e Whitehead sobre a conceituação de 'razão especulativa', vez que a CCRU mantém um princípio anárquico motivador de sua teoria, mas não almeja um retorno da abstração à razão prática ou pragmática, pois sua *arte de viver* é fundamentada em uma estética *cyberpunk* e na própria *cibernética positiva*, como se vê a seguir.

¹² É possível ver a exibição nesse endereço eletrônico, acessado em 24.07.2019: <http://www.contemporaryartdaily.com/2013/02/the-cthulu-club-at-gasconade/>

¹³ Cita-se a explicação dada pela unidade: "Foi durante a produção deste evento (Syzygy) que a Ccru fez contato com a virtual Continente da Lemúria, que nos ensinou muitos segredos que tentamos formular como 'Hiperstição Digital'." (TIMESPIRAL, 2015, p. 11)

¹⁴ Acessado em 20/04/2020: <http://reynoldsretro.blogspot.com/2014/04/renegade-academia-ccru.html>

Assim, tendo em vista que a cibernética de Wiener é um dos conceitos cruciais da filosofia da CCRU, e ela não se refere apenas às máquinas, mas é estendida para a própria natureza, colaborando para a noção da CCRU de *cyborg* - que é justamente a de um *organismo cibernético* -, logo, tais organismos são vistos em sua natureza enquanto sistemas cibernéticos e compostos de fluxos de retroalimentação, de duas espécies: a *retroalimentação negativa*, cujo objetivo é a estabilização do sistema quando ameaçado, e guiado pela ideia de *homeostase*, e a *retroalimentação positiva*, que são tendências desenfreadas ou viciosas, introduzindo uma ideia de escape do sistema. A CCRU amplia essa noção de cibernética para a organização do Estado, vendo-o como um sistema cibernético de retroalimentação negativa, que limita os fluxos libidinais e os redireciona, porém, é uma tendência considerada como conservadora e incapaz de lidar com a real natureza dos fluxos - uma tendência caótica de escape (*retroalimentação positiva*) -, restando a dura lição de que não se pode barrar/frear fluxos, mas acelerar, emergindo a ontologia da aceleração como escape ao capital presente na linha aceleracionista da unidade, e que é a exata definição de *cibernética positiva* presente no título do texto, cuja proposta é a de que a tendência de retroalimentação positiva deve ser incentivada.

Após essa breve incursão sobre a produção e filosofia da CCRU, percebe-se que a unidade afastou-se da 'razão prática', e pragmática, da academia (e da ciências), e adotou uma postura mais experimental na interdisciplinaridade com outros campos da ciência e das artes, bem como uma insaciável curiosidade pelo conhecimento, seja ele científico ou ocultista; sua linguagem que une a linguagem computacional e da numerologia demonstram originalidade e criatividade na abordagem de uma filosofia que tende para a abstração e experiência; através de suas práticas, sistemas metafísicos e ontologia *cyberpositiva* inclina-se pela compreensão mais completa do presente, da natureza e da humanidade, desenvolvendo uma cosmologia e razão próprias. A única diferença é que a CCRU preza pelo não retorno da abstração, pois o princípio anárquico é um dos seus principais motes. Não se pode negar, contudo, que desenvolveu uma *estética da arte de viver* própria, que se baseia na cultura ocultista e de ficção-científica, digital e virtual, proveniente da cultura *cyberpunk*. É interessante ressaltar que Graham Harman, no livro "*The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*" (2011) também caracteriza a filosofia da CCRU como especulativa e colaborando para a virada especulativa:

Além da esfera institucionalizada da filosofia, as correntes materialistas e realistas continentais tiveram alguns de seus efeitos mais profundos através de uma série de comunidades online emergentes. Isso começou no final dos anos 90 com a criação da Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética (CCRU) - um grupo diversificado de pensadores que experimentaram a produção conceitual unindo uma ampla variedade de fontes: futurismo, tecnociência, filosofia, misticismo, numerologia, teoria da complexidade e ficção científica, entre outros. A criatividade e a produtividade desse coletivo se devem em grande parte à construção de um espaço fora das restrições da academia tradicional. É notável, então, que muitos dos colaboradores da CCRU continuaram envolvidos na comunidade on-line e continuaram a levar a filosofia adiante (HARMAN, 2011, p. 6)

3. Com o fim da CCRU, seus fundadores e membros deram continuidade à produção de suas filosofias particulares. Dentre estes membros que permanecem ativos na atualidade, é Luciana Parisi¹⁵ quem toma Whitehead enquanto uma referência direta em seu trabalho e propõe-se aqui uma breve análise de seu texto "*Automated Architecture, Speculative Reason in the Age of the Algorithm*" (PARISI, 2014, pp. 401-424), como forma de observar como Parisi percebe na "Razão Especulativa" a possibilidade de analisar o presente e solucionar o impasse do *design thinking* computacional numa era veloz e do algoritmo. Tiziana Terranova também aparecerá nesta última seção através de seu texto "*Red Stack Attack! Algorithms, Capital and the Automation of the Common*" (TERRANOVA, 2014, pp. 379-399), uma vez que ela e Parisi já trabalharam juntas textualmente e os assuntos destes textos se interconectam, cabendo uma aventura de ideias através de seus textos.

Luciana chama o momento atual de "tecnocapitalismo" e avalia a aceleração da automação algorítmica trespassada pelo novo design algorítmico e o fluxo de novos dados. A automação acelerada algorítmica está marcada pela computação interativa (humano-máquina e máquina-máquina) que, além de criar uma nova arquitetura digital, expande o mercado com foco na personalização e manipulação direta, exige maior precisão de controle e revoluciona as simulações algorítmicas que se atualizam em tempo real, ou seja, o *design* algorítmico de antes, que se baseavam em "formas e estruturas espaço-temporais, em design de computadores para tarefas específicas, baseado em máquinas numericamente controladas, foi absorvido por uma função mais genérica da computação" (PARISI, 2014, p. 403). Tais aspectos forçam a computação a desenvolver novos mecanismos capazes de adequar-se a tais arquiteturas digitais e de maneira cada vez mais veloz.

Emerge durante essa transição o *design thinking* computacional, "que abraça a fusão perfeita de pensamento e matéria" (PARISI, 2014, p. 407), o que significa reavaliar

¹⁵ É possível ver sua participação na CCRU: http://www.ccru.net/swarm3/3_amph.htm
Entrevista de Parisi, por Stanimir Panayotov [17 de Agosto de 2016]. Acessado em 29.09.2019: <http://figureground.org/interview-with-luciana-parisi/>

as bases da computação, uma vez que esse novo design está orientado à matéria, produzindo modelos induzidos, rejeitando o modelo dedutivo e de regras universais, também a estrutura representacional, substituindo os meios orgânicos por técnicos, e se constituindo enquanto uma segunda natureza. O perigo, aponta Parisi, é a de que os processos algoritmos fundamentem-se não mais na função abstrata, mas em 'causas físicas ideais'. E para explicar como a aceleração alterou a computação ela vai utilizar do "Teorema da Incompletude" de Kurt Godel¹⁶ - que Alan Turing encontrou como impasse na formatação de seu experimento (a "Máquina de Turing", que culminou na criação do computador), sobre o que é ou não solúvel por métodos axiomáticos, ou seja, sobre o que é computável e o que é incomputável - e por meio do "Ômega" de Gregory Chaitin - que tratou a questão do incomputável enquanto uma probabilidade de interrupção da "Máquina de Turing", percebendo que a aleatoriedade também pode ser inserida na teoria dos números.

Dessa maneira, Parisi distingue a computação entre a "Máquina Universal de Turing", que de certa forma pode-se dizer que é a culminação do esforço matemático empenhado na formulação do computador, e que assemelha-se a um sistema cibernético de circuito fechado e de retroalimentação negativa, mas, como esta máquina foi exposta a informação em grande quantidade devido ao seu 'elemento receptor', exige uma lida com a aleatoriedade ("Ômega" de Chaitin), que permite o escape e a alteração de seu sistema; e a "Máquina de Ênfase na Novidade", que Parisi propõe como meio de resolver e regular a questão da aleatoriedade, através da "função especulativa" whiteheadiana que permite lidar com a novidade positivamente e elaborar um sistema matemático criativo, assim, acolhe as funções prática e a pragmática com a própria "função especulativa", gerando uma axiomática experimental (capacidade de criar novos padrões algoritmos) que permite uma "seleção e avaliação algorítmica de quantidades infinitas de dados" (PARISI, 2014, p. 424), ou seja, um poder de "decisão e de gerar novas soluções" (PARISI, 2014, p. 424), e amplia o alcance de redirecionamento da própria razão algorítmica computacional sobre a quantidade de *data*, de dados físicos e de preensões conceituais, pelo *design thinking* computacional, apesar de tratar-se de uma possibilidade a ser provada, a proposta "de um design computacional pensar imanente à sua própria razão algorítmica" (PARISI, 2014, p. 424).

¹⁶ "Os "teoremas da incompletude" de Godel explicaram que, mesmo que todas as proposições de um sistema fossem verdadeiras, elas não podiam ser verificadas por um método axiomático completo. Certas proposições foram, portanto, consideradas indecidíveis: não puderam ser provadas por meio do método axiomático sobre o qual foram postuladas a hipótese. Na opinião de Godel, nenhuma decisão a priori e, portanto, nenhum conjunto finito de regras, poderia ser usado para determinar o estado das coisas antes que as coisas seguissem seu curso." (PARISI, 2014, p. 411)

É possível alinhar essa análise mais técnica de Parisi com o excerto do texto de Terranova, que traz uma análise marxista sobre a automação algorítmica sob a égide da *big data*¹⁷. Terranova explica que “a automação é descrita por Marx como um processo de absorção na máquina das ‘forças produtivas gerais do cérebro social’, como ‘conhecimentos e habilidades’, que, portanto, aparecem mais como um atributo do capital do que como um produto do trabalho social.” (TERRANOVA, 2014 p. 382), fazendo parte de um estágio posterior na genealogia algorítmica que ela traça, que começa quando o Capital absorve a tecnologia enquanto capital fixo (meio de produção) e inicia um processo evolutivo maquínico, cujo primeiro estágio foi o maquinário termodinâmico industrial (o ‘autômata industrial’), cujo sistema “constituído por numerosos órgãos mecânicos e intelectuais em que os próprios trabalhadores eram lançados apenas como seus elos conscientes” (MARX apud TERRANOVA, p. 383) evolui em diversas metamorfoses para o estágio atual, de um “autômata digital” (eletrocomputacional), que para Terranova engendra a alma (o sistema nervoso e o cérebro) na máquina capitalista, integrando-a nas funções maquínicas operantes e de fluxo de informações. Terranova também define o algoritmo como uma abstração e linguagem programada própria, pois é a “descrição do método pelo qual uma tarefa deve ser realizada’ por meio de sequências de etapas ou instruções, conjuntos de etapas ordenadas que operam em estruturas de dados e computacionais” (TERRANOVA, 2014, p. 384), e concorda com Parisi sobre a exposição a *big data* transformar os algoritmos em uma segunda natureza.

Porém, Terranova afirma que é preciso questionar a função capitalista dos algoritmos como capital fixo não apenas enquanto codificadores de quantidades de conhecimento em *data*, mas sua capacidade de converter tal codificação em valor de troca - implicando na razão acumulativa inerente ao Capital -, e exemplificada na relação indivíduo e Facebook, que captura o tempo-livre do indivíduo e transforma em valor¹⁸, também captura a psiquê e a “alma”. Por isso Terranova diferencia a lida com a tecnologia da perspectiva marxista (que a entende como ‘capital morto’, ou ‘capital fixo’, ou ‘racionalidade instrumental’) de sua perspectiva, fundamentando-se em Marx para mostrar que a evolução da maquinaria capitalista também é o desencadeamento de novas metodologias produtivas, já que o Capital captura a

¹⁷ Sobre a *Big Data*: “Além disso, à medida que os algoritmos contemporâneos se tornam cada vez mais expostos a conjuntos de dados cada vez maiores (e em geral a uma crescente entropia no fluxo de dados também conhecida como Big Data).” (TERRANOVA, 2014, p. 384)

¹⁸ “Atualmente, o estado das coisas na maioria das indústrias é uma exploração intensificada, que produz um modo empobrecido de produção e consumo em massa que é prejudicial tanto ao corpo quanto à subjetividade, às relações sociais e ao meio ambiente. Como Marx disse, o tempo disponível liberado pela automação deve permitir uma mudança na própria essência do ‘humano’, de modo que a nova subjetividade possa retornar à realização do trabalho necessário, de modo a redefinir o que é necessário e o que é preciso.” (TERRANOVA, 2014, p. 388)

tecnologia e automatiza o trabalho sem abrir mão de sua função gerativa de novos meios de controle, o que implica pensar em um futuro pós-capitalista, não limitando-se apenas na distribuição de riquezas¹⁹, em outras palavras, Terranova quer libertar o tempo-livre capturado pelo Capital na automação algorítmica que o transformou em parte do processo de produção capitalista, como ela apela:

Precisamos perguntar, então, não apenas como a automação algorítmica funciona hoje (principalmente em termos de controle e monetização, alimentando a economia da dívida), mas também que tipo de tempo e energia ela consome e como pode ser feita para funcionar uma vez adotada por diferentes organizações sociais e assemblage-autônomas políticas não subsumidas ou sujeitas ao impulso capitalista de acumulação e exploração. (TERRANOVA, 2014, p. 389)

Por fim, conclui-se que a 'razão especulativa' whiteheadiana pode ser reconhecida na filosofia desenvolvida pela CCRU, apesar da unidade manter uma tendência anárquica, ao se manter na 'viagem à abstração', e que a CCRU contribuiu para a virada especulativa; também que uma de suas integrantes, Parisi, toma Whitehead como referência mais direta em sua produção textual atual, e da análise dos textos de Parisi e de Terranova, é possível obter uma análise técnica e social sobre a evolução algorítmica, onde se percebe tal tecnologia se constituindo em uma 'segunda natureza', e aliando tal análise à investigação da função do algoritmo na produção capitalista, percebe-se seus impactos através de uma automatização acelerada sobre o indivíduo dentro da arquitetura contemporânea de interação real e maquínica, e que tais análises contribuem para pensar em meios de desacoplar a tecnologia e o indivíduo do Capital.

REFERÊNCIAS

TIME SPIRAL PRESS (ed.). *CCRU – 1997-2003*. 2015, 430 p.

BORGONOVO, Lupo et al. The Cthulu Club. *Contemporary Art Daily*, 2013. Disponível em: < <http://www.contemporaryartdaily.com/2013/02/the-cthulu-club-at-gasconade/> > Acessado em:

CCRU. CCRU, sem data. Site da Cybernetic Culture Research Unity que reúne sua produção virtual. Disponível em: < <http://www.ccru.net/index.htm> > Acessado em:

HARAWAY, Donna. *Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?* Trad. Ana Leticia de Fiori. Ponto Urb, revista do núcleo de antropologia urbana da USP. [https://doi.org/10.4000/pontourbe.1635]. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635> > Acessado em:

HARMAN, Graham. *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. Melbourne, Australia: Re-Press, 2011, pp. 443.

¹⁹ "Assim, inevitavelmente, leva à destruição periódica e generalizada dessa riqueza acumulada, na forma de esgotamento psíquico, catástrofe ambiental e destruição física da riqueza através da guerra." (TERRANOVA, 2014, p. 387)

LAND, Nick. OLDNICK, sem data. Site pessoal antigo de Nick Land. Disponível em < <https://oldnicksite.wordpress.com/> > Acessado em:

LAND, Nick. XENOSYSTEMS, sem data. Site pessoal e atual de Nick Land. Disponível em < <http://www.xenosystems.net/> > Acessado em:

ORPHAN DRIFT. *Syzygy Video :: 1999*, sem data. Performance disponível no arquivo do site da Orphan Drift. Disponível em: < <http://www.orphandriftdriftarchive.com/becoming-cyberpositive/syzygy/syzygy-video/> > Acessado em:

PARISI, Luciana. *Automated Architecture Speculative Reason in the Age of the Algorithm*. In *#ACCELERATE: The accelerationist reader*. Ed. Robin Mackay e Armen Avanessian. UK: Urbanomic, 2014, pp. 401-424.

PARISI, Luciana. *To Engineer the Time by Other Means*. FigureGround, 2016. Disponível em: < <http://figureground.org/interview-with-luciana-parisi/> > Acessado em:

PARISI, Luciana; and GOODMAN, Steve. 2005. *The Affect of Nanoterror*. Culture Machine, 7. Disponível em: < <http://svr91.edns1.com/~culturem/index.php/cm/article/view/29/36> > Acessado em 20/04/2020:

PLANT, Sadie. SADIEPLANT, sem data. Site pessoal de Sadie Plant. Disponível em < <http://www.sadieplant.com/> > Acessado em:

PLANT, Sadie; LAND, Nick. *CYBERPOSITIVE*. In *#ACCELERATE: The accelerationist reader*. Ed. Robin Mackay e Armen Avanessian. UK: Urbanomic, 2014, pp. 303-313.

REYNOLDS, Simon. *Renegade Academia - the CCRU*. Reynoldsretro, 2014. Disponível em: < <http://reynoldsretro.blogspot.com/2014/04/renegade-academia-ccru.html> > Acessado em:

SHAVIRO, Steven. *Deleuze's Encounter with Whitehead*. [Online, disponível em pdf]. 2007.

SHELDON, Rebekah. *Dark Correlationism: Mysticism, Magic, and the New Realism*. University of Nebraska, *Symploke*, Volume 24, Numbers 1-2, 2016, pp. 137-153. [e]

TERRANOVA, Tiziana. *Red Stack Attack! Algorithms, Capital and the Automation of the Common*. In *#ACCELERATE: The accelerationist reader*. Ed. Robin Mackay e Armen Avanessian. UK: Urbanomic, 2014, pp. 379-399.

WHITEHEAD, Alfred North. *The Function of Reason*. Boston: Beacon Press, 1929. (a)

WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality, an essay in cosmology - Gifford Lectures delivered in the University Of Edinburgh during the Session 1927-28*. Ed. David Ray Griffin and Donald W. Sherburne. New York: The Free Press, 1929. (b)

Recebido em:30/09/2019
Aceito em:11/05/2020